

Habitante do nada
&
distâncias

Susana Thénon

Tradução de nina rizzi



MOINHOS

Habitante do nada

(1959)

*Caminha comigo, mundo, caminha
na minha mão direita,
fala comigo Babel, para que eu possa
me esforçar para convocar
uma só palavra entre todas essas sílabas
antes que o propósito da fala tenha desaparecido.*

Conrad Aiken

*Não se compreende nada da vida enquanto
não se compreender que tudo nela
é confusão.*

Henry de Montherlant

CARRASCO

UMA VOZ próxima
repete para mim: descansa,
e eu
não poderia descansar
a não ser como em sonho
latente,
como flecha que repousa
em sua aljava.

A cada dia
minhas horas
se tornam mais agudas,
mais ásperas,
desde que estou sufocada
e o sol me arde.

Conheço as palavras
cujo som
as portas voam como plumas
e o céu é uma almofada para os pés.

Conheço o castigo.
Conheço todos os castigos.
Mas hoje amanheci carrasco.

MINUTO

A TODO momento

se renova

a fugaz memória dos espelhos,

o perfil taciturno dos corpos enferrujados,

o andaime de palavras

não habitadas por mãos

ou por bocas escuras.

O tempo enruga as estradas,

apaga os olhares distantes,

vai inflamando a morte nos cantos.

E como não saber disso:

chegará um minuto vazio

que anseia nossos rostos.

CÍRCULO

DIGO que nenhuma palavra
detém as algemas do tempo,
que nenhuma canção
abafa os estampidos do lamento
que nenhum silêncio
abarca os gritos que se calam.
Digo que o mundo é um imenso pântano
onde lentamente submergimos,
que não nos conhecemos nem nos amamos
como acreditam os que ainda podem traçar sonhos.
Digo que as pontes se rompem
ao mais leve som,
que as portas se fecham
ao murmúrio mais fraco,
que a visão se apaga
quando algo geme perto.

Digo que o círculo se estreita cada vez mais
e tudo que existe
cabará num ponto.

HOJE

FALO, corneta, rosa
do anjo-barro: o amor
selou
seus vasos comunicantes.
Guardemos o incenso
para os verões públicos.
Deus não funciona.

NÃO

Me recuso a ser possuída
por palavras, por jaulas,
por geometrias abjetas.
Me recuso a ser
rotulada,
violentada,
absorvida.
Só eu sei como me destruir,
como bater minha cabeça
contra a cabeça do céu,
como cortar minhas mãos e senti-las à noite
crescendo para dentro.
Me recuso a receber esta morte,
esta dor,
estes planos inventados, inconcebíveis.
Só eu conheço a dor
que leva meu nome
e só eu conheço a casa da minha morte.

CAMINHOS

CEGUEIRA do gesto
quando em vão se agarra
à grossa barreira do fato consumado.

Guitarra densa de sangue
acompanhando a canção
noturna e subterrânea.

Vagueia entre gritos
anônimos,
entre multidões famintas,
sob céus estrangeiros.

Entre ecos
mansos, desesperados.

AQUI

CRAVA-TE, desejo
em meu lado raivoso
e molhe suas pupilas
para minha última morte.

Aqui o sangue,
aqui o beijo destroçado,
aqui a fúria desastrada de deus
florescendo em meus ossos.

NÃO É UM POEMA

OS ROSTOS são os mesmos,
os corpos são os mesmos,
as palavras cheiram a caduquice,
as ideias de cadáver antiquado.

Isto não é um poema:
é um ataque de raiva,
raiva pelos olhos vazios,
pelas palavras estúpidas
que digo e que me dizem,
por baixar minha cabeça
aos ratos,
aos cérebros cheios de mijo,
aos mortos persistentes
que entopem o ar do jardim.

Isto não é um poema:
é um pontapé universal,
um soco no estômago do céu,
uma enorme náusea
vermelha
como o sangue era antes de ser água.

POEMA

“Eu creio nas noites”.

R. M. Rilke

ONTEM à tarde pensei que nenhum jardim justifica
o amor que se afoga vorazmente em minha boca
e que nenhuma pedra colorida, nenhum jogo,
nenhuma tarde com mais sol que de costume
é o bastante para formar a sílaba,
o sussurro esperado como um bálsamo,
noite e noite.
Nenhum significado, nenhum equilíbrio, nada existe
quando o não, o adeus,
o minuto que acaba de morrer, irreparável,
se levantam inesperadamente e nos cega,
até a morte do corpo inteiro, infinitos.
Como uma fome, como um sorriso, penso,
deve ser a solidão
pois é assim que nos engana e entra
e assim a surpreendemos uma tarde
encostada sobre nós.
Como uma mão, como um canto simples
e sombrio
deveria ser o amor
para tê-lo perto e não o renegar
cada vez que o sangue nos invade.
Não há silêncio nem canção que justifiquem
esta morte tão lenta,
este assassinato que nada condena.

Não há liturgia nem fogo nem exorcismo
para impedir o fracasso ridículo
dos idiomas que conhecemos.
Na verdade, estou me afogando sem dó,
pelo menos resisti ao engano:
não participei da festa mansa, nem do ar cúmplice,
nem da noite pela metade.
Ainda mordo e embora seja pouco possível agora
meu sorriso guarda um amor que assustaria a deus.

AQUI, AGORA

SEI QUE em algum lugar
a alegria se espalha
como o pólen
e que há tempos
as pessoas se erguem
como jardins definitivos.
Mas eu vivo aqui e agora
onde tudo é horrível
e tem dentes
e unhas velhas petrificadas.
Aqui e agora,
onde o ar
sufoca
e o medo fica impune.

RAZÃO DE MINHA VOZ

PORQUE são muitos e sofrem,
porque ouvimos gritos muito distantes
ou sabemos que há silêncio
num canto da cidade,
ou porque salta de um livro e fala com a gente
o menino que morreu afogado.
Porque agora sem dúvida um homem pede socorro
e uma mulher se joga de sua janela escura
e quatro crianças respondem perguntas
num quarto enorme
enquanto uma boneca está sem braço e observa.

MEDIATOR DEI

O CONTRABANDISTA dos medos antigos
o malabarista delirante em sua varanda vermelha
(com pequenos pés enferrujados)
lava as mãos no peito das nuvens
e se cobre de azul para não ver sangue.